

Lição 5: A salinidade do mar segundo as opiniões de outros

164. Após determinar sobre a natureza do mar e sobre sua geração, o Filósofo agora determina sobre sua salinidade. Primeiro, ele investiga isso segundo as opiniões de outros; Em segundo lugar, apresenta sua própria opinião (L. 6).

Com respeito ao primeiro, ele continua com o sal do mar segundo as três opiniões dos filósofos naturais apresentadas no início deste tratado sobre o mar.

165. Ele diz, portanto, primeiro [171] que aqueles que declararam que o mar foi gerado em algum tempo, ou postulam sua geração de alguma forma, não podem atribuir uma razão para sua salinidade. Pois eles dizem que no início a água cercava toda a terra e que o sol elevou ao alto uma grande porção da água, deixando uma grande área da terra não mais coberta por água, e que o resíduo, ainda não seco pelo sol, tornou-se o mar. Ora, se a causa do sal na totalidade da água do mar (que, segundo sua natureza, deveria ser doce) veio a ser devido à mistura da terra com a água que permaneceu, que foi capaz de converter o doce em tamanha salinidade, então, visto que com o retorno, em forma de chuva, da água evaporada, resulta necessariamente uma quantidade igual de água sendo preservada na terra, como foi dito, é necessário que mesmo no princípio, antes que o sol começasse seu processo de secagem, o mar fosse salgado; ou se não era salgado antes, não será salgado depois, porque toda a água evaporada retorna. Consequentemente, não se pode dizer que a mistura com a terra torna a água salgada porque agora ela existe em menor quantidade, enquanto não poderia tornar salgada a quantidade total — já que a quantidade agora e antes é igual. Mas se o mar era salgado desde o início, restará atribuir uma causa para sua salinidade. Além disso, deve-se afirmar por que, se a água não era levada ao alto por evaporação desde o princípio, isso acontece agora.

166. Então [172], ele continua com a segunda opinião e diz que aqueles que declararam que a mistura com a terra é a causa da salinidade do mar não explicam suficientemente por que o mar é salgado. Pois eles afirmam que a terra tem muitos sabores de acordo com suas várias áreas, de modo que a terra que os rios transportam para o mar se mistura com o mar e o torna salgado.

Mas isso parece inaceitável, a saber, que o mar se torne salgado através da mistura com a terra, enquanto os rios, que são menores, não são salgados. De fato, se a vasta quantidade de água do mar é transformada em sal pela mistura com a terra, a água de cada rio deveria, com maior razão, ser transformada. Pois é evidente que o mar é uma reunião de todas as águas dos rios — pois a

água do mar difere da água dos rios apenas por sua salinidade — algo que não ocorre nas águas dos rios, mas apenas no lugar onde todos os rios se encontram. E isso não parece possível, se a simples mistura da terra transportada pelos rios fosse a causa da salinidade.

167. Terceiro [173], ele refuta a terceira opinião com três argumentos. O primeiro deles é tirado do fato de que ela atribuiu uma causa não evidente da salinidade. E diz que é ridículo alguém pensar que está falando claramente, quando diz que o mar é o suor da terra e por isso é salgado, como disse Empédocles. Isso talvez satisfaça as exigências de declarações metafóricas segundo o modo dos poetas — pois falar em metáforas pertence aos poetas, e é provável que Empédocles, que escrevia em metro, assim dizem, proferiu muitas coisas metaforicamente. Mas tal modo de falar não é suficiente para conhecer a natureza de uma coisa; porque uma coisa natural não é revelada pelas comparações empregadas em uma metáfora. Pois como acontece que o que um homem bebe é doce, enquanto o suor gerado disso será salgado? A metáfora não torna claro se o suor permanece salgado por causa da separação de algo que era muito doce na bebida, ou por uma mistura com algo, como acontece quando a água é filtrada através de cinzas, pois pela mistura com cinzas ela se torna salgada ou amarga. E a mesma causa parece estar em ação no gosto da urina, que é uma superfluidade coletada na bexiga: pois esse resíduo se torna amargo e salgado, embora a umidade ingerida fosse doce.

Ora, se é verdade que a água se torna amarga porque é filtrada através de cal, e igualmente se junto com a urina é carregado algo de tal virtude que a torna salgada (pois quando a urina é deixada em repouso em penicos, encontra-se um certo sedimento salgado que se deposita); e igualmente com o suor, algo similar adere a ele quando o suor é exsudado da carne, o que o torna salgado, como se a umidade que sai do corpo em forma de suor lavasse da carne um resíduo que torna o suor salgado; se, digo, isso é assim nestes três casos, e se a metáfora sobre o suor é corretamente tomada, então é evidente que também no caso do mar, a causa da salinidade será algo terreno misturando-se com as águas. Mas sabemos a causa do sal no corpo de um animal, no suor e na urina: é a "hipóstase do alimento", i.e., o resíduo subsistente daquilo que é apropriado como alimento por qualquer ser alimentado. A razão pela qual é salgado é que não foi digerido. Mas o que é que pode de maneira semelhante produzir sal no mar, Empédocles ainda tem que dizer, já que isso não é manifesto. E assim é evidente que Empédocles pecou nisto: que ele não indicou claramente a causa.

168. Ele apresenta o segundo argumento [174]; a saber, que apesar da secagem e aquecimento de tão vasta quantidade de água quanto é tirada do mar, no entanto toda a água do mar ainda permanece salgada. Ora, a porção levantada da terra por evaporação é uma submúltipla da água deixada na terra (chama-se "submúltipla" aquela que está para outra como 1/2 está para o dobro, ou 1/3 para o triplo, e assim por diante). Daí não parece que a água do mar, visto que é uma quantidade maior do que a água levada ao alto por evaporação, possa tornar-se salgada por isso, pois o suor e a urina, ambos salgados, são muito menores em volume do que a umidade que permanece no corpo.

169. Ele apresenta o terceiro argumento [175], e diz que Empédocles deve ser perguntado por que, após ser seca em várias áreas pequenas ou grandes pelo sol, a terra não sua agora com um suor que pareça amargo: pois se era verdade no início que a terra suava uma umidade amarga, deveria estar fazendo isso ainda agora. Mas isso não é visto acontecendo agora: pois vemos que a

terra, quando úmida, pode ser seca, e após ser seca, não sofre nada como isso, i.e., suar. Nem, portanto, foi possível na geração primordial do mundo, quando a terra estava úmida (porque estava coberta de água), que ela suasse por ser seca. Mais próxima da verdade está a teoria defendida por aqueles que disseram que o mar não é o suor da terra, mas água deixada após alguma porção da terra ter secado. No entanto, que a terra sue quando úmida, parece impossível.

E assim ele conclui finalmente que as causas alegadas para a salinidade do mar são vistas como escapando à razão.

Revision #2

Created 3 October 2026 23:24:22 by Admin

Updated 4 October 2026 19:03:46 by Admin